

O TEMPO LIVRE E O TEMPO STAND-BY: UM ENSAIO SOBRE A SAÚDE MENTAL DE PROFESSORES¹

Isabella Fernanda Ferreira ²

Resumo

Este ensaio origina-se de pesquisa efetuada durante pós-doutoramento em Ciências Sociais, na Universidade de Buenos Aires – Argentina, tendo como perspectiva teórica os estudos culturais e, neste caso, a teoria crítica da sociedade. O texto apresenta uma análise sociológica sobre a temporalidade destinada à ausência de atividades laborais no modo de organização social do trabalho contemporâneo, inserido em uma cultura digital, com mediação tecnológica, sobretudo pela internet e seus instrumentos de comunicação mais utilizados: o correio eletrônico, o Facebook, o Instagram, o *WhatsApp* e o Telegram. O ensaio realiza o aprimoramento do ‘diálogo’ da autora com o conceito ‘tempo livre’ de Adorno, que trata da opressão do sistema capitalista em seus trabalhadores, nos momentos destinados à ausência de trabalho. Nesse ‘diálogo’, além de a autora ampliar suas críticas sobre o conceito ‘tempo livre’, ela aprofunda o seu conceito ‘Tempo Stand-By’, em um estudo de caso, no qual a coleta de dados se dá por meio de questionário aplicado a uma pesquisadora sobre seu grupo de pesquisa, cuja temática de investigação é a saúde do professor no trabalho. Os resultados levam a uma teorização sobre metamorfoses da atenção do trabalhador e possíveis prejuízos à sua saúde.

Palavras-chave: Tempo Livre; Tempo Stand-By; Capitalismo Digital; Saúde Mental do Professor; Dialética Negativa.

FREE TIME AND STAND-BY TIME: AN ESSAY ON TEACHERS’ MENTAL HEALTH

¹ Importa destacar o apoio da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS na medida em que liberou a professora associada com regime de dedicação exclusiva para realizar o seu pós-doutoramento em Ciências Sociais na Universidade de Buenos Aires na Argentina, no qual, um de seus produtos é o presente ensaio.

² Professora Associada da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS. Docente Permanente do programa de Pós-graduação em Educação Social da UFMS/CPAN. Uma das fundadoras da Rede Nacional/Internacional de Pesquisa “NEXOS Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar” dividida pelas cinco regiões do País. Líder do “NEXOS Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar – Centro-Oeste/Norte”. Membro como pesquisadora do Consórcio Internacional de Programas de Teoria Crítica da Universidade da Califórnia, Berkeley. Pós-doutoranda na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Buenos Aires - UBA/Argentina, Doutora e Mestre em Educação pela UNESP/SP. Pedagoga pela UFSCar/SP. <https://orcid.org/0000-0001-5356-5767>



Abstract

The essay originates from research conducted during postdoctoral studies in Social Sciences at the University of Buenos Aires - Argentina, based on cultural studies as a theoretical perspective and, in this case, the critical theory of society. The text includes a sociological analysis on temporality regarding the lack of labor activities in the social organization of contemporary work, inserted in a digital culture and technological mediation, especially through the internet and its most popular communication tools and social media: e-mail, Facebook, Instagram, WhatsApp, and Telegram. The essay improves the author's 'dialogue' with Adorno's concept of 'free time', which addresses the oppression of the capitalist system on workers during their leisure time. In this 'dialogue', besides expanding her criticisms on the concept of 'free time', she deepens her concept of 'Stand-By Time' in a case study, in which data are collected by means of a questionnaire applied to a researcher about her research group, whose theme is teachers' health at work. The results lead to a theorization on the metamorphoses of workers' attention and possible damage to their health.

Keywords: Free Time; Stand-By Time; Digital Capitalism; Teachers' Mental Health; Negative Dialectics.

"Temos de entender que tempo não é dinheiro. Essa é uma brutalidade que o capitalismo faz, como se o capitalismo fosse o senhor do tempo. Tempo não é dinheiro. Tempo é o tecido da nossa vida" (*Antônio Cândido*, professor universitário brasileiro, crítico literário e ensaísta. Viveu de 1918 a 2017).

1. O tempo destinado à ausência de atividades laborais no modo de organização do trabalho no capitalismo digital: um olhar metódico materialista, histórico e dialético negativo

Consideramos o tempo como uma categoria de análise sociológica que pode possuir diversos entendimentos em matrizes epistemológicas distintas. Nesse aspecto, o primeiro cuidado teórico presente neste ensaio é o de definir e apresentar qual método e quais elementos estamos utilizando para caracterizar o que seria o tempo ou os tempos de que estamos tratando. Nesse sentido, entendemos o tempo como um fenômeno social que possui, em si mesmo, de modo simultâneo, característica materialista, histórica e dialética com ênfase em sua negatividade. Todos, elementos que constituem o método desenvolvido por Theodor W. Adorno.

O VENTO

Tentando entender
Esse vento que me atropelou
Sem me machucar



Esse vento que me atropelou
por conseguir o impossível de me alcançar

Tentando entender
esse vento que assovia gritando
para eu me arremessar sem medo
Esse vento que assovia sussurrando
sem me empurrar mas a me deixar sem ar

Tentando entender o vento
Tentando entender esse vento
Tentando entender o vento
Tentando entender esse vento
que em mim anda passando por dentro

Tentando sentir e ouvir o vento
Esse vento que é o meu pensamento
Mas o mais valioso...
esse vento que é o meu sentimento
Esse vento que mesmo invisível vem me tocar

Isabella Fernanda Ferreira, 2018.

A dialética materialista, histórica e negativa formulada por Adorno em sua obra clássica intitulada de *Dialética Negativa* (2009) – utilizada como método de investigação para as análises sociofilosóficas realizadas neste ensaio –, defende como um dos seus fundamentos, que todo o conceito depende de tudo aquilo que não é conceitual, ou seja, trata-se da defesa metódica pela importância dos dados empíricos como fonte para a construção de conceitos para designar realidades. Nesse sentido, os fenômenos sociais empíricos antecedem o método e, antes mesmo da existência dele também o definem e o constituem.

A questão empírica que trazemos para reflexão é parte constitutiva do modo de organização do trabalho social na contemporaneidade, marcada por uma cultura digital dotada de aparatos tecnológicos que possibilitam, sobretudo, por meio do advento da internet, a comunicação imediata dos trabalhadores tanto nos momentos destinados ao trabalho, como nos momentos destinados à ausência de atividades laborais. Como exemplo desses aparatos tecnológicos, citamos, em específico: o correio eletrônico, o Facebook, o Instagram, o WhatsApp e o Telegram. Todos, aparatos tecnológicos que possuem uma função em comum: a possibilidade da conexão e comunicação de modo imediato em qualquer espaço físico do globo. Trata-se do que nomearemos de **capitalismo digital**¹.

Faz-se importante destacar que nossa análise diz respeito, de modo específico, aos momentos da vida dos diferentes trabalhadores - e, em específico, aos professores, - que estão formalmente destinados à inexistência

¹ As palavras grifadas em negrito neste ensaio são os conceitos sociofilosóficos elaborados pela autora.



de atividades laborais, sejam elas, na forma de férias, finais de semana ou até mesmo de folgas desses trabalhadores. Tais momentos já foram razão empírica para as análises teórico-críticas desenvolvidas por Adorno, em especial, no seu texto intitulado *Tempo Livre* (1995b), em um momento histórico do sistema capitalista de produção, em que, juntamente com outros intelectuais da Escola de Frankfurt, nomeou de “capitalismo tardio” em seus escritos. Esses mesmos momentos são retomados para serem por nós analisados, porém inseridos em um sistema capitalista de produção dotado de algumas metamorfoses em seu modo de organização do trabalho, como consequência de uma cultura digital produzida pelo e, por meio, de aparatos tecnológicos específicos, e já citados anteriormente, como instrumentos para comunicação imediata através da internet.

Nesse sentido, trata-se de um ensaio que busca um aprofundamento no diálogo sociofilosófico entre o conceito “tempo livre”, produzido por Adorno, e o conceito “**tempo stand-by**” introduzido por Ferreira (2017) em escritos anteriores, e retomado neste ensaio para ser aprofundado. Ambos os conceitos compreendem o tempo como uma construção materialista, histórica, dialética negativa e, portanto, como uma produção cultural. Estamos dissertando, desse modo, sobre uma concepção de tempo dotada de especificidades que revelam o diálogo de Adorno, sobretudo, com as obras de Marx e Hegel para a elaboração do seu método.

Trata-se de um tempo materialista, ou seja, um tempo que possui, em si mesmo, materialidades objetivas e subjetivas que constroem o modo como a sociedade produz e organiza a sua própria existência (MARX, 1976). Nessa concepção de tempo materialista, torna-se evidente o diálogo que Adorno tece com as obras de Marx, tanto para o desenvolvimento dos seus conceitos como para a elaboração do seu método de análise. Tal materialidade presente nos escritos de Marx, reconhecida e valorizada por Adorno (2009), ganha no método adorniano uma preocupação mais refinada com relação às subjetividades dos sujeitos, que passam a ser consideradas, em seu pensamento, como objetividades singulares produtoras dessa materialidade objetiva, e não de uma objetividade coletiva.

Marx (1974) também trata dessa questão das subjetividades dos sujeitos, sobretudo, por exemplo, quando desenvolve os conceitos de alienação, consciência reificada e fetichismo da mercadoria, entretanto, tal subjetividade é tratada analiticamente na perspectiva das classes sociais, ou seja, trata-se de uma sociologia de partida dos grupos. Temos, dessa forma, as subjetividades dos sujeitos que são “mapeadas” e definidas conceitualmente em suas características, em sua relação com a classe social econômica a que esses diferentes sujeitos pertencem e, sobretudo, o lugar que esses ocupam no modo de organização da produção do sistema capitalista de produção. Nesse sentido, as subjetividades dos sujeitos são determinadas em última instância pelo lugar que elas ocupam na produção do trabalho. Subjetividades que são definidas por questões macrosociológicas intimamente relacionadas com a situação econômica desses sujeitos.

Essa materialidade temporal subjetiva advinda da interpretação sociológica realizada por Marx, também é considerada pelo método de Adorno. Entretanto, as subjetividades dos sujeitos, ao mesmo tempo em que são analisadas inseridas nas diferentes classes sociais, elas são interpretadas em separado como constituições singulares de cada sujeito na sua trajetória de vida. Se em Marx nós temos uma análise dos grupos sociais enquanto classes que lutam entre si e agregam subjetividades específicas, e, portanto, temos uma sociologia dos grupos, em Adorno, a análise sociológica pode ser considerada como uma sociologia dos sujeitos. Nesse aspecto específico, a sociologia de Adorno estaria muito mais próxima – levando-se em consideração os autores clássicos da sociologia –, de uma sociologia dos indivíduos, como a defendida por Weber (1994) com sua sociologia compreensiva, do que de uma sociologia logo de início dos grupos como nas análises sociológicas presentes tanto no método do materialismo histórico dialético positivo¹ de Marx (1975) com a sua definição de classe social, como no método funcionalista de Durkheim (1966) quando disserta, sobretudo, sobre a divisão social do trabalho, ainda que ambos se fundamentem em matrizes epistemológicas paradoxais.

Para alcançar essa dimensão mais individual das diferentes subjetividades que constituem a sociedade capitalista de produção, Adorno (2010) realiza um “diálogo” com os escritos de Kant (1985), para o desenvolvimento dos seus conceitos sobre formação e semiformação, e com os textos psicanalíticos de Freud (1981), para análises com relação à formação cultural desses diferentes sujeitos do ponto de vista consciente e inconsciente, o que faz com que suas análises possuam um enfoque muito mais político do que econômico, como em Marx (Wiggershaus, 2002).

Além de materialista, trata-se de um tempo produtor e reproduzidor da história. Uma interpretação de tempo que não “obedece” a acontecimentos históricos lineares e progressivos e, portanto, possíveis de serem previstos, como defendeu Comte (1991) com o seu método positivista e, nem tampouco “obedece” a uma teleologia da história como está presente no pensamento marxiano do próprio Marx (1975), em sua teorização sobre o desenvolvimento da luta de classes como motor para mudança social, e a consequente e prevista superação da sociedade capitalista de produção por uma sociedade comunista. Ambos os desfechos históricos – uma sociedade em seu estágio positivo ou uma sociedade comunista como ápices dessas diferentes concepções –, ainda que fundamentados em pressupostos epistemológicos de características antagônicas, são negados como possibilidades de previsão em uma dialética que se pretenda negativa como a desenvolvida por Adorno (2009). Nessa recusa da possibilidade da previsão, tanto da teoria positivista como da teoria marxista, encontramos o posicionamento metódico de Adorno por uma dialética que

¹ Nos escritos sobre Marx, o mais comum é encontrarmos a designação para o seu método de “materialismo histórico”; em outras, encontramos o termo “materialismo histórico dialético” e, por nossa escolha nomeamos de “materialismo histórico dialético positivo” como meio para deixar em evidência a diferença do materialismo histórico dialético de Marx com o “materialismo histórico dialético negativo” elaborado por Adorno.

ênfatisa a constante negação como potencializadora do pensamento crítico, ou seja, uma dialética que se recusa a falsas sínteses e a sistemas fechados de explicação dos fenômenos sociais (Pucci; Ramos-De-Oliveira; Zuin, 1999).

Trata-se, ainda, de uma concepção de tempo que em todos os seus momentos segue sendo, ou seja, de uma concepção de tempo que não é estática, mas, um tempo que carrega em si mesmo o “de vir a ser” defendido pela teoria de Hegel (1992), ou seja, um tempo que é portador de uma historicidade dialética e metamórfica por meio de contradições. Este tempo, para Adorno se efetiva não em uma perspectiva idealista, como a defendida no pensamento hegeliano, mas em uma perspectiva materialista como a presente no pensamento marxista. Nesses pontos específicos da teoria de Marx e de Hegel, o posicionamento de Adorno é de concordância (Lastória; Pucci; Zuin, 2015). Nesses dois pontos específicos, a temporalidade é entendida por nós como um fenômeno que nunca é estático e acabado, e que possui materialidades objetivas que o constituem.

Entretanto, para a sociologia dos indivíduos em nossa interpretação, como a presente na teoria de Adorno, ao longo do conjunto de seus diferentes escritos, o motor de mudança social, de mudança da história da humanidade, não está prioritariamente centralizada no embate entre as diferentes classes sociais e suas respectivas condições materiais e subjetivas, como em Marx, mas no embate entre os indivíduos, independentemente da classe social, na qual esses indivíduos estão inseridos, ou do lugar onde esses diferentes sujeitos ocupam no modo de produção dessa sociedade capitalista. É claro que Adorno (2010), como materialista, não desconsidera a tensão social conflituosa entre essas diferentes classes sociais e suas objetivas lutas, mas ele traz um elemento novo a se pensar, isto é, ao que ele denominou de integração ideológica entre as diferentes classes sociais e a possibilidade de resistências objetivas e subjetivas por parte dos indivíduos, pela via da não adesão.

Desse modo, o tempo daqueles que possuem trabalho no sistema capitalista contemporâneo de produção, e que está reservado para momentos de ausência de atividades laborais, é por nós definido conceitualmente como um tempo constituído por materialidades objetivas e subjetivas, é um tempo produtor de uma história em um movimento dialético constante de transformação dos sujeitos e da sociedade, mas que não é possível teoricamente de ser previsto e, portanto, de ser idêntico ao fenômeno explicado. Para nós, a própria previsão para uma dialética materialista histórica que se pretenda negativa, já seria a sua aniquilação.

Muitos são os autores com os quais Adorno (2009) tece um coeso diálogo em sua obra *Dialética Negativa* para explicar o seu método de análise, entre eles, Kant, Hegel, Marx, Weber, Heidegger, Husserl e Freud. Em nossa análise realizada neste ensaio sobre o conceito “tempo livre”, produzido por Adorno, e o conceito “**tempo stand-by**” aqui exposto, utilizamos como fundamentos epistemológicos do método adorniano, os princípios para a produção de conhecimento que estão diretamente relacionados com o “diálogo” que Adorno

estabelece – para a produção do seu método materialista histórico dialético negativo –, com a dialética de Hegel.

Desse modo, esclarecendo que todo método é composto de duas dimensões: sua dimensão epistemológica com a sua teoria de como é possível conhecer alguma coisa ou explicar algum fenômeno, associada com a dimensão metodológica que está intimamente relacionada aos diferentes instrumentos utilizados para acessarmos os dados da realidade que pretendemos explicar, - definimos nosso objeto de investigação anteriormente explicitado, a saber: o modo de trabalho no tempo destinado ao ócio ou ao não-trabalho em uma sociedade marcada por um capitalismo digital – tendo como método em suas duas dimensões imanentes, a dialética negativa de Adorno e o estudo de caso por meio de aplicação de questionário aliada a uma análise qualitativa.

Sendo assim, os princípios epistemológicos adotados neste ensaio, como consequência do diálogo de Adorno (2009) com a dialética de Hegel, são: a dependência do conceito a tudo aquilo que não é conceitual; a duplicidade de sentido dos conceitos; e, por fim, a ênfase na negatividade dos conceitos, associada com a dimensão metodológica presente em um estudo de caso sobre as pesquisas desenvolvidas junto ao Programa de Pós-graduação em Educação do Campus do Pantanal na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – PPGE-CPAN. São investigações relacionadas com a linha de pesquisa do programa de pós-graduação já citado “Gênero e Sexualidades, Cultura, Educação e Saúde” pelo Grupo de Pesquisa “NEXOS – Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar Centro-oeste/Norte” liderado pela autora desse ensaio e o grupo de pesquisa, cadastrada e liderada no diretório de grupos de pesquisa junto ao CNPq, pela pesquisadora Dr^a. Vanessa Catherina Neumann Figueiredo, que realizam pesquisas sobre a saúde mental dos trabalhadores; entre esses, alguns professores da cidade de Corumbá – na região fronteira do Estado de Mato Grosso do Sul, divisa entre Brasil e Bolívia. Como metodologia de estudo de caso, a pesquisadora Neumann respondeu a um questionário sobre o conceito sociológico produzido pela autora desse ensaio e os resultados que seu grupo de pesquisa tem evidenciado sobre os trabalhadores e, em especial, sobre os professores que atuam na região do Pantanal do Mato Grosso do Sul no Brasil.

Esclarecidas essas duas dimensões do método por nós utilizado, seguimos com a continuidade das nossas análises organizadas por meio de aforismas sociofilosóficos, constituídos por cada subtítulo em diálogo ora com um fragmento das clássicas obras de Adorno – *Dialética Negativa* (2009) e do texto por ele intitulado de “*Tempo Livre*” (1995b) –; ora com as falas da nossa pesquisadora entrevistada para a nossa apresentação da categoria de análise “**tempo stand-by**” e suas consequências na vida dos trabalhadores em momentos que, em tese, seriam destinados ao lazer e ao ócio; e, ora por músicas como também por fragmentos poéticos de autoria da própria autora deste ensaio. Todos os aforismas evidenciados por meio de subtítulos são análises da autora sobre as epígrafes escolhidas para simbolizar e dar significado a cada aforisma escrito.

2. O tempo livre do capitalismo tardio e a dependência do conceito a tudo que não é conceito

A utopia do conhecimento seria abrir o não conceitual com conceitos [...]. (Adorno, 2009, p.16)

No período em que Adorno (1995b) definiu o conceito de tempo livre em seu texto intitulado "Tempo Livre", ele utilizava a expressão capitalismo tardio como forma de categorizar o sistema capitalista de produção da sua época. Estamos, portanto, considerando um conceito específico produzido por Adorno que busca elucidar sobre o tempo destinado à ausência de trabalho, em uma sociedade com características culturais específicas. Nesse sentido, importante destacar que se tratava de uma sociedade que ainda não fazia uso da internet, ou seja, de uma sociedade que não possuía enraizada em si mesma uma cultura digital e, portanto, ainda ausente no modo de organização do seu trabalho.

Muitas podem ser as interpretações sobre a expressão "tempo livre", entretanto, para Adorno (1995b), essa categoria de análise por ele formulada diz respeito àquilo que podemos considerar como o tempo destinado ao lazer ou ao tempo destinado ao ócio pelos trabalhadores. O conceito "tempo livre" teria como objetivo explicar as atividades realizadas nesses momentos com a finalidade de alcançar prazer. Tal prazer estabeleceria relação com o desenvolvimento de hobbies e outras ações, que ganham características específicas e que terminam por ser recorrentes na vida dos sujeitos.

Sendo fiel ao seu próprio método, Adorno (2009) retira dos fenômenos sociais os dados empíricos para a criação e definição da sua categoria de análise denominada "tempo livre", ou seja, sendo coerente com seu posicionamento epistemológico de que todas as explicações presentes nos diferentes conceitos desenvolvidos em diferentes teorias devem depender de tudo aquilo que não é conceito, ou seja, depender da realidade empírica que se pretende entender e explicar. Essa materialidade que advém da empiria revela uma característica marcante desse tipo de tempo definido por Adorno. Qual seria essa materialidade?

Trata-se de um tipo de tempo em que os sujeitos buscam em todos os seus instantes desenvolver atividades ou cometer ações que não tenham absolutamente nenhuma relação, nem direta e nem indireta, com as atividades e ações desenvolvidas por esses mesmos sujeitos quando estão em seu local de trabalho tendo como objetivo esquecer absolutamente do trabalho. (ADORNO, 1995b).

Levando em consideração os exemplos que Adorno (1995b) disserta em seu texto *Tempo Livre*, poderíamos dividir esses momentos em duas formas distintas de tentativa objetiva e subjetiva dos sujeitos de não se aproximar de nada que lhes façam se lembrar de seu trabalho: seria o desenvolvimento de hobbies que podem ser os mais diversos possíveis e, os momentos destinados a não se fazer absolutamente nada, em uma espécie de passividade desses



sujeitos. Esclarecido de outro modo, todos os comportamentos que causam uma rígida ruptura com os comportamentos desenvolvidos pelos sujeitos no trabalho, passam a ser predominantes. Nesse aspecto, a dependência do conceito a tudo o que não é conceito advindo da empiria, revela-nos que o tempo livre definido por Adorno tem como uma das suas características, uma rígida ruptura no que diz respeito a comportamentos que podem lembrar os sujeitos de seus respectivos trabalhos. Tal ruptura também se estende para os espaços físicos, ou seja, existe uma rígida ruptura com os locais que são destinados ao desenvolvimento de atividades laborais e de locais que são destinados à ausência dessas atividades. Nesse sentido, o tempo livre definido por Adorno (1995b) seria o tempo destinado ao esquecimento total do trabalho, entendido pelos trabalhadores e exaltado pela sociedade como sinônimo de liberdade, ou seja, o processo de libertação do trabalho estaria na sua promessa momentânea de esquecimento.

Outra característica importante do conceito “tempo livre” de Adorno (1995b) e que obedece aos elementos epistemológicos do seu método dialético negativo é que tal conceito carrega em si mesmo uma duplicidade de sentidos (ADORNO, 2009). Desse modo, qual seria a duplicidade de sentidos do conceito “tempo livre”?

3. A duplicidade de sentidos no conceito “tempo livre” de Adorno

O conceito [...] fica aquém de si mesmo no momento em que é aplicado empiricamente. Ele mesmo deixa de ser então o que ele diz. No entanto, como precisa ser sempre também conceito daquilo que é concebido com ele, precisa ser confrontado com isso. Uma tal confrontação o conduz a uma contradição consigo mesmo (Adorno, 2009, p. 131).

Uma das “marcas” da teoria desenvolvida por Adorno se encontra nos conceitos ou categorias de análise desenvolvidas por ele. Adorno (2009) sempre produziu conceitos que carregam em si mesmos polos opostos de contradição. No mesmo instante em que algo é afirmado, ocorre a sua negação. Não se trata de uma relativização da produção do conhecimento, mas sim da busca coerente pelo movimento dialético que seu método defende para a produção de conhecimento.

Analisamos no aforisma anterior que a realidade empírica nos permite evidenciar que o tempo livre é entendido pela sociedade como sendo aqueles momentos destinados à não realização do trabalho e, sobretudo, ao esquecimento do mesmo para que os sujeitos desenvolvam livremente atividades que não os conduzam a rememorar o trabalho diário para o alcance do lazer e, com este, o prazer.

A duplicidade do conceito “tempo livre” de Adorno nos ajuda a compreender que essa ruptura com as atividades laborais e com o local para o desenvolvimento dessas atividades, estabelece-se subjetivamente nos sujeitos



somente na aparência porque, na realidade, esses momentos são produzidos pelo próprio sistema capitalista de produção visando que os trabalhadores retornem para os seus trabalhos de modo mais produtivo. Nesse aspecto, o tempo livre não seria uma ruptura com o trabalho, mas sim, uma extensão dele para que ele possa perdurar com maior extração da produção realizada pelos seus trabalhadores. A lógica presente no tempo livre é a lógica do capital.

Outro elemento presente na análise de Adorno (1995b), que contraria as características empíricas evidenciadas anteriormente por ele, e presentes no seu mesmo conceito, seria a negação da liberdade existente no tempo livre. Essa negação do livre arbítrio estaria presente no fato da sociedade impor aos sujeitos comportamentos padronizados a serem replicados no seu tempo livre. A padronização, por exemplo, chega ao seu ápice no planejamento minucioso e administrado pelas agências de turismo, sobre o que o sujeito deve ou não fazer quando chega a visitar um local e, até mesmo, estabelecendo horários rígidos para tais atividades. Trata-se de um tempo que não é livre porque tem em si mesmo a lógica imperativa da inexistência de trabalho, e também não é livre porque até mesmo as atividades em que mais os sujeitos acreditam estar sendo livres para escolher, passam por processos de um tipo de racionalidade muito semelhante à que existe no trabalho como, por exemplo, a exigência por produtividade, isto é, o sujeito quando vai fazer turismo em suas férias precisa gastar completamente todo o seu tempo em diversas atividades para poder ter a sensação subjetiva de que está realmente aproveitando o seu tempo livre. Tal produtivismo imperativo é tão presente, chegando a fazer com que os indivíduos realizem atividades que não lhe causam prazer, mas sim, cansaço e, até mesmo, mau humor. Esse é somente um exemplo para ilustrar essa falsa liberdade diagnosticada por Adorno (1995b).

Como consequência dessa falsa ruptura e liberdade, o tão aclamado esquecimento do trabalho é um engodo social. Não existe o esquecimento, aliás, a própria necessidade de se afirmar sobre um esquecimento já é, em si mesmo, a lembrança do trabalho pelos sujeitos. O tempo livre faz o sujeito sujeitoado sempre se lembrar do trabalho à medida que tenta se desvencilhar dele. O tempo livre, enquanto categoria de análise possui, em si mesmo, uma duplicidade de sentidos. Trata-se de um conceito que carrega em si próprio uma tensão de significados opostos.

4. A ênfase na negatividade do conceito “tempo livre” de adorno

O todo é o não-verdadeiro (*Adorno, 1993, p. 42*).

Como princípio do método dialético negativo de Adorno (2009), a ênfase na negatividade do conceito é uma consequência dos dois elementos anteriormente já abordados, ou seja, a dependência do conceito a tudo aquilo que não é conceitual e à duplicidade de sentidos presentes na constituição dos conceitos.



Adorno (2009), em nossa interpretação, questiona o princípio da identidade entre razão e realidade presentes na teoria hegeliana, ou seja, a identidade entre o conceito e aquilo que ele pretende explicar. Com esse questionamento, Adorno se aproxima do pensamento histórico e materialista de Marx dando prioridade ao objeto, isto é, ao fenômeno que se pretende explicar. Entretanto, ao oferecer maior importância ao objeto como determinante do conceito e do método, ele está por oposto que possa aparentar ser, exigindo mais subjetividade do sujeito produtor do conhecimento, ou seja, no mesmo instante que a dialética negativa atesta a fragilidade dos sujeitos no processo de produção do conhecimento, ela impulsiona ainda mais o exercício da interpretação filosófica realizada pela subjetividade desses sujeitos produtores do conhecimento. Seria a utopia filosófica de tentar, por meio do conceito, eliminar aquilo que o próprio conceito eliminou por meio da abstração.

Se o conceito é falso, mas seria a única forma de explicação que fosse capaz de se aproximar mais da realidade, enquanto diagnóstico dialético, então como isso poderia se efetivar na perspectiva de Adorno? O filósofo sugere a defesa do que ele denominou de “constelação” de conceitos, que ao se agrupar sobre um mesmo fenômeno pudesse ser capaz de ir além de si mesmo, enquanto conceito. Na construção dessa constelação conceitual, os duplos sentidos dos conceitos e a dependência do conceito a tudo aquilo que não é conceito passa a ser uma necessidade subjetiva de abstração para que os diferentes conceitos consigam alcançar a maior proximidade com a realidade que os mesmos desejam explicar.

Diante do exposto, o conceito “tempo livre” de Adorno (1995b) é, para o próprio autor, insuficiente para o entendimento desse fenômeno social que ele denominou desse modo. Outros conceitos precisam ser associados em uma perspectiva interdisciplinar. Entretanto, mesmo o conceito “tempo livre” não alcançando a identidade com a realidade que pretende explicar, ele se faz necessário enquanto mônada diante dessa constelação conceitual necessária de ser produzida. Além de serem necessários outros conceitos, todo conceito deve ter, em si mesmo, a característica epistemológica de possuir uma duplicidade de sentidos, sendo sempre dependente enquanto conceito de tudo aquilo que não é conceito, e que por consequência se pretende explicar.

Na contemporaneidade, com o advento da internet como ferramenta tecnológica, o conceito “tempo livre” de Adorno passa por um processo de metamorfose com características diferenciadas gerando um novo conceito que escolhemos nomear “**tempo stand-by**”, intitulado pela autora desse ensaio, desse modo, pela primeira vez no artigo intitulado “O(a) intelectual em tempos de internet: a ética do(a)trabalhador(a) online. Neste ensaio sociofilosófico, estamos aprofundando e estabelecendo relação desse novo conceito com os três elementos da dialética negativa de Adorno, anteriormente citados e evidenciados no conceito “tempo livre” de Adorno (1995b). Nessa inicial definição, a autora sintetizou o **tempo stand-by** com as seguintes palavras:

Para refletirmos sobre tais questões, categorizamos o “tempo *stand by*” como aquele produzido socialmente com o advento da internet e seus aportes tecnológicos interativos – *e-mail*, *Facebook*, *WhatsApp* – que deixam o(a) intelectual *online* consciente de que ele pode ser acessado a qualquer instante, mesmo não estando em seu local destinado ao trabalho. A percepção da possibilidade de ser acessado a qualquer momento para o trabalho causa o que podemos nomear de um estado permanente de espera, de prontidão, de estar presente ainda que não de maneira física no trabalho, ou seja, uma espécie de pré-atenção induzida que se apresenta numa espécie de estado de hibernação consciente que pode ser interrompido a qualquer instante.

Realizando uma analogia com a função *stand by* existente nos dispositivos eletrônicos, esse tempo para o(a) trabalhador(a) seria aquele em que o sujeito é consciente que ele está “desligado” somente temporariamente, mas que continua recebendo energia para que retorne a funcionar de imediato ao ser acessado. Assim como os aparelhos que voltam a funcionar com um simples toque no botão de um controle remoto, o (a) trabalhador (a) encontra-se em um estado de hibernação e vigília que se efetivam ao mesmo tempo. Esse “controle remoto”, pode ser compreendido também por analogia como os *e-mails*, as mensagens *inbox* no *Facebook* e pelo *WhatsApp*, fora do horário e do local de trabalho (Ferreira, 2017, p. 144).

De posse dessa definição inicial, aprofundaremos tal conceito estabelecendo relação com os resultados das pesquisas realizadas na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus do Pantanal – junto ao Grupo de Pesquisa “Saúde Mental e Trabalho na Fronteira” vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação e à sua linha de pesquisa “Gênero e Sexualidades, Cultura, Educação e Saúde”, juntamente com os três elementos metódicos definidos por Adorno (2009), e já citados anteriormente: o primado do objeto em relação ao conceito, o duplo sentido dos conceitos e a dependência do conceitual a tudo o que não é conceitual, a partir das respostas da pesquisadora entrevistada nesse estudo de caso com abordagem qualitativa.

5. As pesquisas sobre saúde mental do professor na UFMS: o primado do objeto em relação ao conceito “tempo stand-by”

O objeto é mais que a pura facticidade; o fato de essa facticidade não poder ser eliminada impede ao mesmo tempo em que nos satisfaçamos com seu conceito abstrato e com seu decote, os dados sensoriais protocolados.

Adorno, 2009, p. 161

O primado do objeto em relação ao conceito (LASTÓRIA, PUCCI, ZUIN, 2015) e, portanto, a dimensão empírica valorizada no método dialético



materialista histórico negativo elaborado por Adorno, trata-se de um elemento analítico que revela o seu posicionamento marxista, pela defesa de uma materialidade, que é construída historicamente com elementos concretos que definem o modo como a sociedade se organiza para produzir a sua existência, na qual, a central mediação para tal construção social se estabelece, pelo e como trabalho na sociedade capitalista de produção, e que, desde a sua vigência no mundo tem passado por metamorfoses no seu modo de organizar sua produção dentro desse sistema. Trata-se, ainda, de uma empiria que não entende o dado em si coletado como sinônimo da explicação da realidade, como defendido nos pressupostos teóricos do positivismo e de suas correntes sociológicas decorrentes. Além disso, existe a defesa incisiva pela presença da subjetividade analítica dos pesquisadores no processo de suas explicações. A observação de característica neutra é refutada.

Nesse sentido, com metodologia para acessar essa empiria no universo das pesquisas realizadas pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus no Pantanal – junto ao Programa de Pós-graduação em Educação na linha de pesquisa de “Gênero e Sexualidades, Cultura, Educação e Saúde”, perguntamos à pesquisadora¹: Professora: – eu gostaria que você nos contasse há quanto tempo você pesquisa sobre saúde mental dos trabalhadores, e em especial, sobre a saúde mental dos professores; sobre a história da criação do seu grupo de pesquisas, e das atividades desenvolvidas por meio dele na região do Pantanal Sul-mato-grossense e, sobretudo, sobre as metodologias utilizadas para a coleta de dados empíricos. Gostaríamos também que compartilhasse conosco como o seu grupo tem nomeado o modo de organização do trabalho na contemporaneidade. Alguns chamam de capitalismo flexível, outros de capitalismo financeiro, outros de capitalismo tardio. Enfim, qual definição vocês têm utilizado, e qual ou quais autores têm auxiliado vocês nessa definição conceitual?

Resposta²: Estudo a saúde mental de trabalhadores e de trabalhadoras desde o mestrado, momento em que comecei a me interessar pela relação entre sofrimento e organização do trabalho. Esse interesse teve início na minha experiência enquanto psicóloga organizacional, cuja prática exigia um posicionamento que posso chamar de politicamente neutro, mas que de neutro não tinha nada, já que precisava estar alinhada à lógica de precarização material e de rivalidade entre as pessoas. Em especial, na minha última experiência em empresas, era necessário que os sujeitos se mostrassem adaptados a uma gestão assediadora. A aceitação silenciosa ao tratamento agressivo, às intromissões e retirada de

¹ A pesquisadora Dr^a. Vanessa Catherina Neumann Figueiredo autorizou a divulgação pública das suas respostas sem a necessidade do seu anonimato.

² Optamos por não realizar “recortes” das respostas da pesquisadora. Sua resposta está sendo apresentada de modo integral no texto, para que seja garantida maior fidedignidade de entendimento às suas respostas, ainda que, de modo estético no ensaio, temos consciência de que sejam extensas. Concluímos que tal totalidade representa uma maior tenacidade do presente ensaio sociofilosófico porque nenhum dado foi ocultado.



poder de decisão dos profissionais, e a adesão a práticas injustas geraram em mim o que Dejours chama de sofrimento ético. Tal situação, foi desencadeada principalmente quando vi que a maior parte dos operários apresentava hipertensão arterial, quando vi que o banheiro usado pelos operários não contava com vaso sanitário, mas tinha apenas um buraco na terra, me chocou. Não pude ficar lá mais que cinco meses. Após essa experiência busquei um novo caminho, tentando entender como esse contexto empresarial gerava problemas de saúde mental. Então, isso estou falando de 1996, já que em 1997 entrei no mestrado em Sociologia.

A minha pesquisa no mestrado buscou apreender os aspectos desencadeadores de stress em homens e mulheres que trabalhavam juntos em uma mesma linha de produção, em uma metalúrgica. Neste momento, defino stress como uma manifestação de sofrimento psíquico patogênico, que é quando não há possibilidade de resignificá-lo, e analiso a organização do trabalho baseada na divisão sexual do trabalho e nas relações de gênero, usando para a definição de sofrimento ainda bastante atrelada à psicopatologia do trabalho. Também no doutorado estudo as condições de saúde mental de mulheres trabalhadoras da indústria de semijoias, me aproximando de uma análise epidemiológica de Breilh.

Então, usando da experiência quantitativa e qualitativa de estudar saúde mental, criei, em 2008, um grupo de pesquisa inicialmente voltado para o mapeamento e análise de coletivos em situação de muita vulnerabilidade social e fragilidade psíquica, como as pesquisas junto aos pescadores na mineração. Como o interesse por coletivos a serem estudados não são neutros, o engajamento político de compreender a intersecção da identidade profissional docente, sofrimento e mudanças na função universitária, levou a elaborarmos uma pesquisa sobre a ocorrência de patologias sociais e sofrimento patogênico no contexto universitário, aproximando as pesquisas aos ensinamentos, conceitos e análises propostas de Dejours, no estudo do vivido no trabalho. Então, se num primeiro momento o grupo, buscava encontrar nexos causais entre determinadas condições ou organização do trabalho e agravos à saúde, hoje entendemos que nem sempre o mal-estar, o sofrimento, se dão, necessariamente, em doenças, mas também por meio de condutas em sofrimento, normóticas. Esta mudança de rumo na orientação das pesquisas foi necessária, inclusive, para compreendermos o porquê de coletivos inseridos num modo produtivo frenético apresentavam, por exemplo, uma baixa prevalência de burnout ou de transtorno mental comum, como é o caso dos professores, que apresentaram que vimos ter uma prevalência de 30% de transtorno mental comum, mas cujo coletivo apresentava narrativas de muito sofrimento.

No início do grupo, estávamos também mais preocupados em mapear e tentar traçar um nível de associação, de causalidade entre determinados aspectos do contexto laboral – organização do trabalho, condições de trabalho e relações socioprofissionais –, e

certos adoecimentos. Os projetos de pesquisa, extensão e as intervenções hoje em dia realizadas pelo grupo de pesquisa “Saúde mental e trabalho na fronteira” têm inspiração na psicodinâmica e na psicopatologia do trabalho. Digo inspiração, pois também nos utilizamos de inventários e questionários quando é preciso mapear situações de trabalho. Porém, ao longo do tempo, o grupo tem se voltado mais e mais para a compreensão por meio da fala, mais próximo da metodologia da psicodinâmica do trabalho.

No “Laboratório de Saúde Mental do Trabalhador” nos reunimos para debater e estudar livros sobre a teoria e metodologia da Psicodinâmica do Trabalho, chamamos para debater os temas, pesquisadores e professores de outros centros em projetos de extensão e *lives*, assim como convidamos outros professores para participarem da elaboração de artigos e capítulos de livros. Em 2018, pudemos realizar o primeiro congresso, com a parceria do TRT de Mato Grosso do Sul, sobre Violências do Trabalho. E temos proposto Clínicas do Trabalho em diversas instituições, cuja condução é feita por estagiários, alunos de iniciação científica e de pós-graduação. Esse tipo de intervenção supõe a escuta do sintoma clínico do sofrimento, visando a recriação do sentido do trabalho a partir da transformação da organização do trabalho. Penso que as pesquisas realizadas pelo grupo junto a professores, técnicos, alunos, na universidade ou no ensino fundamental, trazem análises diferentes, e que permitem a inter-relação de conceitos da psicologia, da educação, da saúde coletiva e da sociologia.

Sobre o trabalho docente, nos últimos anos orientei pesquisas sobre: a dinâmica de prazer e sofrimento no trabalho de agentes socioeducadores de unidades de internação educacional para jovens; as vivências de prazer e sofrimento, o trabalho de educadoras sociais de casas de acolhimento; o impacto subjetivo das avaliações externas sobre o trabalho e a identidade de professores do ensino fundamental; o sofrimento psíquico de alunos de pós-graduação na gestão gerencialista; a presença de burnout e desgaste psíquico de professores e de coordenadores do ensino superior; o trabalho excessivo, compulsivo e o workaholismo no ensino superior docente. Em andamento, temos algumas estudando os relatos de assédio moral e sexual e seus efeitos psicológicos em professores/as universitários/as e alunas, além de duas que estão estudando a relação entre identidade, readaptação funcional e saúde mental.

Nas nossas pesquisas, o capitalismo tem sido denominado de flexível, de modo a aproximar as análises à produção flexível, com seus vínculos contratuais e direitos também flexíveis.

Conforme a psicodinâmica do trabalho, a organização do trabalho delinea: a divisão de tarefas e a separação hierárquica e de poder entre as pessoas, entre homens e mulheres; a forma de recrutamento, seleção, as chances de capacitação e os critérios para subir na carreira, a avaliação de desempenho; a forma de relacionamento aceitável entre as pessoas, pares, chefias, alunos e técnicos; as exigências e habilidades necessárias para o trabalho

definem as jornadas, as metas em quantidade e qualidade, os materiais a serem utilizados. É no espaço entre a prescrição organizacional e a realidade experienciada, que o processo laborativo se desenvolve.

Para a psicodinâmica do trabalho, vivenciar o sofrimento que atravessa todo trabalhar é angustiante e incerto, levando o indivíduo a se mobilizar para resolver o desconforto acionado pelas falhas organizacionais. Quando a organização do trabalho dá liberdade para o indivíduo agir e transformar o sofrimento, recriando o sentido do trabalhar ao ser reconhecido pelo seu feito, sua engenhosidade e cooperação, esse sofrimento criativo proporciona o desenvolvimento. Já quando a relação com as imposições da organização do trabalho é rígida, não havendo possibilidade de sublimação, os coletivos elaboram e fazem uso de estratégias defensivas inconscientes para suportar a realidade e continuar trabalhando.

Para isso, se faz necessária a compreensão do coletivo acerca da implicação subjetiva do modo de organização do trabalho sobre a saúde mental, a partir da escuta do coletivo, de forma a proporcionar a (re)criação do sentido de trabalhar e a reorganização do trabalho, desvelando nos coletivos as estratégias defensivas usadas no convívio com o sofrimento.

No que se refere ao sofrimento psíquico de professores universitários, temos desenvolvido várias pesquisas e estudos atrelados ao projeto intitulado "Análise da ocorrência de patologias sociais no contexto universitário", levando em conta que a relação estabelecida com a organização do trabalho tem propiciado muito mais sofrimento patogênico do que criativo. A partir dessa pesquisa, temos analisado as patologias sociais da violência, da servidão voluntária e da sobrecarga, buscando compreender como se dá a dinâmica intersubjetiva e intrapsíquica que leva à aceitação e servidão de determinadas imposições sociais e que se reproduzem no ordenamento organizacional. Para isso, então, trabalhamos com a ideia de desamparo e narcisismo da psicanálise freudiana, e com a noção de reconhecimento de Honneth, e claro, com Christophe Dejours.

As análises buscam compreender o sofrimento psíquico vivenciado não apenas quando se manifesta em agravos e doenças, mas também quando imprime certo modo de funcionamento psíquico no contexto laboral, que colabora para a configuração de um espaço marcado pela instalação de patologias sociais, que podem, sim, levar ao adoecimento.

Essa valorização por uma empiria que determina, e não é determinada pelos seus conceitos, ou seja, pela dimensão abstrata de sua explicação, é constituída por um conjunto de materialidades objetivas e subjetivas que consolidam o modo como o trabalho tem sido organizado quando inserido e produzido por uma sociedade marcadamente digital em suas relações de trabalho e interpessoais. Estamos, portanto, tratando do modo de organização do trabalho em uma sociedade capitalista de produção marcada profundamente por uma cultura digital que se estabelece como, e por meio das tecnologias



produzidas, em que o advento da internet se torna, para nós, e é considerada aqui, uma espécie de “embrião” geradora de metamorfoses na sociedade. Assim como as máquinas nas fábricas também se apresentaram como “embrionárias” na Revolução Industrial, com suas marcas históricas no modo de organização do trabalho e, por consequência, da vida das pessoas a partir do século XVIII (Quintanero, 1999), temos na contemporaneidade a internet e suas tipologias de comunicação realizando também profundas marcas históricas no modo como é organizado o trabalho que produz e reproduz a sua existência enquanto sociedade. Sendo assim, essas “marcas” carregam as suas especificidades no que estamos denominando “**tempo stand-by**”, tanto no que diz respeito à duplicidade de sentido inerente a esse mesmo conceito, quanto no que concerne à ênfase na sua negatividade. Quais são as “marcas” desse modo de produção da sociedade contemporânea, que estamos conceituando de “capitalismo digital” no que diz respeito à saúde mental dos professores?

A empiria retratada pela pesquisadora entrevistada sinaliza que (no que diz respeito ao modo como o ofício dos professores é organizado nas universidades) a mediação dessas tecnologias digitais de comunicação bem como das mais variadas formas de mediação do trabalho vem colaborando para uma naturalização da cultura laboral que valoriza o sofrimento psíquico. As tipologias de sofrimento, manifestadas pelos sujeitos pesquisados, das mais variadas formas, não podem ser generalizadas sem a mediação de coleta de dados. No entanto, a generalização da existência da valorização por uma cultura laboral, que tem como potência o adoecimento mental é, sim, possível de ser evidenciada.

6. O tempo stand-by e os duplos sentidos de seu conceito

Como já mencionado anteriormente, uma dialética que se pretenda negativa enquanto método na tentativa de diagnóstico da realidade social deve construir conceitos que tenham em si mesmos uma duplicidade de sentidos causando uma espécie de tensão, que são internos a si mesmos. Em nossa definição de “**tempo stand-by**”, tal duplicidade de sentidos pode ser constatada por dois iniciais pares de categorias de análise por nós criados, a saber: **1. pré-atenção induzida e pré-atenção espontânea; e 2. hiperatenção fluida e hiperatenção estável**. Nesse sentido, continuamos com o questionário: Professora: – “Todas essas categorias de análise que citarei constituem e auxiliam na definição conceitual do que nomeamos de ‘**tempo stand-by**’”. Sigamos com as suas definições de duplos sentidos e, em seguida, com as nossas próximas questões:

1. Pré-atenção induzida e pré-atenção espontânea: como já referido anteriormente, os dispositivos eletrônicos, quando estão na função stand by, embora estejam desligados, continuam a consumir energia. A analogia que tecemos aqui com os conceitos de pré-atenção induzida e de pré-atenção espontânea do trabalhador, é que o estado de pré-atenção é o que corresponderia a esse consumo de energia mental do trabalhador quando esse

se encontra em seu momento de ócio, porém com a consciência de que pode ser acessado a qualquer instante por meio de dispositivos tecnológicos como o e-mail, Facebook, Instagram e WhatsApp para trabalhar, devendo estar “pronto” de modo imediato para atender a essas demandas laborais.

A consciência que o professor possui de que pode ser acessado a qualquer instante para trabalhar é o que desencadeia essa metamorfose nos processos de atenção que estamos nomeando de pré-atenção induzida e pré-atenção espontânea. Nesse aspecto, qual seria a diferença desses conceitos? A diferença que sinaliza uma duplicidade de sentidos para o que ocorre no **tempo stand-by** se fundamenta na presença e na ausência de dispositivos objetivos, via tecnologias, para que os sujeitos se movimentem para trabalhar no tempo do não-trabalho. Explicando de outro modo: se na pré-atenção induzida o sujeito é induzido a trabalhar em função de notificações que lhes chegam por meio de e-mail, Whatsapp, Facebook e Instagram, na pré-atenção espontânea, o sujeito se antecipa a essas notificações e ocupa o seu tempo de não-trabalho com trabalho, pois a lógica da prontidão permanente para o trabalho já está internalizada subjetivamente no sujeito sujeitado ao seu trabalho. Trata-se, portanto, de uma duplicidade de sentidos com relação a um estado prévio de atenção para iniciar atividades laborais, que têm relação com a presença e a ausência de mediações tecnológicas como mecanismo de impulsionar os sujeitos a trabalharem em locais não destinados ao trabalho, como por exemplo, a sua própria casa. A questão principal a ser considerada é que esse estado de pré-atenção, de prontidão, de vigília permanente por parte do trabalhador pode lhe causar danos à saúde mental, dependendo da intensidade do mesmo.

2. Hiperatenção fluida e hiperatenção estável: outra característica do **tempo stand-by** é que provoca outro tipo de metamorfose nos processos de atenção dos sujeitos que advém do fato das tecnologias digitais transformarem, cada vez mais, todas as comunicações, de modo imediato, e com possibilidades crescentes de controle dessas comunicações: o que desencadeia outro processo que é a aceleração da percepção do tempo pelos sujeitos juntamente com a diminuição de prazos para a realização das atividades no trabalho. A diminuição dos prazos para o trabalho acaba por exigir dos trabalhadores que reforcem a atenção no que estão realizando, e isso o conduz a processos de hiperatenção. Essa hiperatenção pode se manifestar de modo fluido quando o trabalhador precisa realizar diferentes atividades, ao mesmo tempo em que lhe são solicitadas de modo estável – quando o trabalhador pode se dedicar à realização de monoatividades –, mas no caso de haver menos prazo para a entrega, terminam por exigir do mesmo uma hiperatenção para ser executada.

Temos outra duplicidade de sentidos que se manifesta na fluidez e na estabilidade dos processos de hiperatenção no trabalho. Estamos diante de um tempo que, além de negar a desconexão do trabalhador do seu trabalho, exige-se dele atenção mental duplicada em tudo o que está fazendo, com menor tempo para a sua realização. Esclarecido de outro modo, existe uma aceleração do tempo entre o processo de trabalho para o envio e resposta de uma carta escrita, ou o processo de trabalho para o envio de um e-mail e sua resposta. E ainda existe uma aceleração do tempo de trabalho entre um e-mail enviado e um



Whatsapp enviado diretamente no celular do trabalhador. Essa aceleração temporal produz mais exploração do trabalhador, e exige mais esforço mental de atenção e maior rapidez em suas respostas.

Exposto isso, apresentamos nossa segunda e terceira questão: Professora: – sabemos que o uso dessas tecnologias da comunicação tem sido cada vez mais presente no modo de organização do trabalho da sociedade capitalista contemporânea considerada com uma cultura que cada vez mais está se tornando digital. Com a pandemia, o ensino remoto terminou por se instalar, enfatizando ainda mais esse uso, no caso específico do trabalho dos professores, mas também presente em outros ofícios. Como pesquisadora do tema, gostaríamos de te fazer duas questões:

- a) As pesquisas por você realizadas e pelos pesquisadores do seu grupo de pesquisa sinalizam evidências que de certo modo concordam sobre o que estamos nomeando de **tempo stand-by** e suas metamorfoses no processo de atenção do trabalhador, podendo ser causa de danos à saúde mental desses trabalhadores? Por favor, compartilhe conosco o que tais pesquisas têm apontado nesse sentido, com o maior grau de detalhamento possível.

Resposta: Bom, o conceito de stand-by se aproxima e, no meu ponto de vista, está implícito em três outros conceitos usados por nós: a intensificação, o custo humano e o modo de organização do trabalho: todos atrelados a um modo de trabalhar e viver regido pela lógica neoliberal. Claro que com a pandemia, o uso das tecnologias se tornou mais evidente por parte dos docentes na universidade pública, mas já faz parte da lógica da sociedade do cansaço, em que é necessário obter resultados a qualquer hora, a todo instante, sacrificando inclusive o tempo de lazer, numa retomada da extinção dos tempos mortos já proposta por Taylor. Porém, a diferença que vejo aqui é que a demanda por uma performance eficaz divulgada na gestão gerencialista é tão eficaz que enlaça a subjetividade, não sendo mais necessário alguém para vigiá-lo no seu desempenho.

A pré-atenção induzida e o processo de hiperatenção fazem parte dos processos psicológicos básicos e estão ligados ao custo cognitivo. No levantamento efetuado em uma universidade do Centro-Oeste junto a 59 professores/as universitários/as, 93,6% são exigidos a demonstrarem concentração mental, 95,2% se esforçam mentalmente e 79,8% são bastante ou totalmente exigidos na resolução de problemas no trabalho. Entendemos que essas demandas cognitivas fazem parte do perfil de trabalhador polivalente, sempre atento e concentrado em tudo. No trabalho do professor universitário, o processo de precarização caracterizado pela diminuição de pessoal, docentes e técnicos, trouxe o aumento de atribuições administrativas, como também de quantidade de turmas por docente, de disciplinas a serem ministradas. Aos que se aventuram na pesquisa, inúmeras cobranças calcadas na quantofrenia acabam prejudicando a aproximação das metas

institucionais e dos desejos de dar sentido ao fazer, já que a avaliação quantitativa não proporciona a resignificação do sofrer, possível a partir do reconhecimento dos pares e da sensação de pertencimento a um coletivo profissional. Em contrapartida, o uso de “novas tecnologias” acaba cooperando com a intensificação do trabalho, já idealizada e prevista pela organização do trabalho, isolando e enfraquecendo cada vez mais os laços sociais.

Quando a gente não consegue sublimar, ou seja, a organização do trabalho impede o sujeito de colocar sua subjetividade, se empenhar e pôr sua inteligência prática para conseguir dar conta das falhas na previsão da organização do trabalho, não permitindo a aproximação dos objetivos (im)postos aos desejos e ideais individuais, o sofrimento pode tomar a forma de patologias. A exigência cognitiva contínua pode acarretar a fadiga física, pela sobrecarga dos sentidos para firmar atenção, memória; já a fadiga crônica pode ocorrer quando não há possibilidade de negar a disposição a uma organização do trabalho exigente de atenção, e o indivíduo acaba tendo de se esforçar para continuar a exercer suas tarefas no nível e produtividade exigidos, ocasionando insônia, danos psicológicos e sociais. Edith Selligman Silva desde o ano 2000 já apontava a falta de vontade, a insônia e a irritabilidade como características da fadiga.

Para nós, do grupo, a fadiga crônica não pode ser separada da análise do sujeito com a organização do trabalho, o que inclui os valores aos quais tem de se submeter, os ritmos de trabalho, as cadências de produção, as jornadas, o tipo de atribuição e a divisão de tarefas, o tipo de avaliação que a pessoa é submetida, a relação com as chefias, com os colegas e com os/as alunos/as. Abalada por valores neoliberais, o vínculo subjetivo com a organização do trabalho incide sobre o aparelho psíquico, sendo primordial para o entendimento da mobilização subjetiva criativa dar um outro sentido ao trabalhar. Por outro lado, é primordial também para dar sentido à compreensão de como se dá o sofrimento patogênico e a elaboração de estratégias coletivas inconscientes de defesa.

Essas táticas estão atreladas ao sequestro da subjetividade empreendido também nas instituições públicas, permitindo aos trabalhadores continuarem trabalhando, embora nem sempre concordem com a lógica imposta, mesmo apresentando sofrimento. As estratégias “jogam” para o nível inconsciente os aspectos da organização do trabalho desencadeadores do sofrimento, permitindo uma certa neutralidade e o cumprimento com os afazeres – o que Dejours chama de “normalidade sofrente”. É exatamente por meio da exploração dessa ideologia defensiva que as instituições garantem a perpetuação da lógica produtivista, exigente de atenção contínua e que bloqueia a sublimação, ao bloquear a aproximação do desejo e dos projetos individuais ao projeto delineado pela organização. Nossas pesquisas têm se debruçado exatamente sobre a relação existente entre desamparo infantil e sua ressonância no teatro do trabalho (Dejours), de forma a entender como a gestão se utiliza perversamente dessa necessidade psíquica de ser aceito e reconhecido, ou seja, do afeto,

para conseguir a aceitação e subserviência dos trabalhadores, no próprio processo de alienação, as metas institucionais. Como os trabalhadores lidam com tais exigências geradoras de sofrimento e porque se submetem a cobranças, exigências e desafios prejudiciais à própria saúde é o grande desafio, levando em conta que nem sempre o sofrimento aparece sob a forma de adoecimentos.

- b) As pesquisas por você realizadas e pelos pesquisadores do seu grupo de pesquisa sinalizam evidências que, de certo modo, discordam sobre o que estamos nomeando de **tempo stand-by** e suas metamorfoses no processo de atenção do trabalhador, podendo não ser causa de danos à saúde mental desses trabalhadores, mas pelo contrário, até ser um benefício para a mesma? Por favor, compartilhe conosco o que tais pesquisas têm apontado nesse sentido com o maior grau de detalhamento possível.

Resposta: Compactuamos da ideia de Dejours sobre a possibilidade do sofrimento derivar em desenvolvimento ou em adoecimentos, dependendo da relação estabelecida com a organização do trabalho. Entendemos que quando é possível trabalhar, no sentido de dotar de sentido, inteligência, saber-fazer, cooperar, ser reconhecido pela originalidade e inventividade posta à prova no contato com o real, ou seja, o trabalho real acontece, o sujeito encara esse sofrer implícito no trabalhar (já que sempre haverá uma grande lacuna entre o que é previsto pela organização do trabalho e o que é o trabalho vivo, real), mas ao conseguir encontrar soluções para suas aflições também irá se desenvolver. Ocorre que, quando o trabalho exige do sujeito a aceitação de valores meritocráticos de rapidez, de performance, de perfeição, ele terá de apresentar atenção, concentração, como também deverá se submeter a metas de produtividades impostas, cujo delineamento nem sempre vai ao encontro da própria profissão docente nem da função social da universidade. Por isso, diante das contradições e falhas, os coletivos fazem uso de estratégias defensivas, que permitem a continuidade do trabalho e anestesiam o sofrimento derivado de aspectos organizacionais. No caso dos professores, a hiperatividade profissional, a autoaceleração, o individualismo e a agressividade passam a ser condutas usadas frente à sobrecarga. Embora pareça uma boa saída para tentar dar conta das metas e qualidade exigidas, ao longo do tempo são capazes de levar ao adoecimento e a patologias sociais, manifestadas em burnout, workaholismo, assédio moral e sexual, com todas as suas implicações psicológicas, físicas e sociais. No que tange ao exercício contínuo da atenção, caberia um maior aprofundamento sobre seus efeitos em termos de fadiga.

Para além da duplicidade de sentidos decorrentes da definição do conceito de **tempo stand-by** nos dois pares de categorias – 1. **pré-atenção**



induzida e pré-atenção espontânea e 2. hiperatenção fluida e hiperatenção estável –, as respostas de nossa entrevistada reafirmam essa dubiedade sinalizada por nós, e colaboram para pensarmos em uma terceira dubiedade de sentidos decorrentes dessa perspectiva de temporalidade social que nos direciona a considerar os conceitos de “sadismo e masoquismo” em Freud (1981), como estratégia de sobrevivência desses sujeitos para a manutenção dos mesmos nos lugares que ocupam no seu trabalho, numa espécie de terceira dubiedade de sentidos, que escolhemos por nomear de 3. **“atenção reprimida sádica e atenção reprimida masoquista”** do professor, no desenvolvimento das suas diferentes atividades laborais. Durante o **tempo stand-by**, o trabalhador está desenvolvendo uma atenção sádica com o seu trabalho e o trabalho de seus colegas, ou está desenvolvendo uma atenção masoquista no seu trabalho e no trabalho de seus colegas. A dubiedade de sentidos desse terceiro par de categorias presentes no **tempo stand-by** é o que fundamenta, legítima e impulsiona processos objetivos de violência entre os trabalhadores, sem, contudo, por muitas vezes, sequer necessitar de uma figura de chefia para a manutenção desse ciclo de violências que se estabelece entre os próprios pares. Nessa dubiedade de sentidos, temos o que escolhemos por denominar de uma “ética professoral” que adora odiar o seu próprio ofício e/ou que adora odiar o seu colega de trabalho. Trata-se de uma espécie de professor que se encontra entre a ironia socrática e o sarcasmo pedagógico (ZUIN, 2008), ou seja, a ironia socrática que tem como potencial o desenvolvimento do pensamento reflexivo é substituída por um sarcasmo pedagógico que se estrutura por meio da violência, e que tal violência pode se manifestar de diversas maneiras nessas relações sociais.

Desse modo, pensar no conceito de **tempo stand-by** implica em também pensar em uma constelação de palavras (ADORNO, 2009) que auxiliam no entendimento dessa temporalidade, ou seja, quando defino o conceito de **tempo stand-by** estamos tratando, ao mesmo tempo, sobre processos metamórficos de atenção do trabalhador na execução de seu trabalho e que nós categorizamos como: **1. pré-atenção induzida e pré-atenção espontânea; 2. hiperatenção fluida e hiperatenção estável; e, 3. atenção reprimida sádica e atenção reprimida masoquista.**

7. O tempo stand-by e a ênfase na negatividade do conceito ou o tempo stand by como negação de si mesmo sem si mesmo

DESCOMPASSO

Com o tempo,
Só com o tempo,
A gente aprende que ...
O descompasso do tempo
é a principal causa dos desencontros,

Tic Tac
Tic Tac



Sim, concordo,
Não se pode chegar atrasado a um compromisso
Não se pode chegar adiantado a um compromisso
Pois nesse caso, que agora me reporto,
os dois casos - atraso e adiantamento -
são fatais para os encontros...

Tic Tac
Tic Tac

Verdade, concordo,
Preciso com urgência,
Com urgência, regular o meu relógio,
Ele não está com o horário correto,
Isso, realmente é inconsequente...irresponsável...

Tic Tac
Tic Tac

Já vi que não estás a me entender...
Estamos em um descompasso...
Como assim..., meu relógio está com o mesmo horário do seu...???
E quem disse que estamos a conversar sobre o mesmo tempo???
Aliás já percebi que não estamos conversando...
Estamos somente a falar um com o outro...

Tic Tac
Tic Tac

Nossa!!! Estás me deixando confuso...
Não se preocupe, é o descompasso do tempo...
Ele faz essas coisas...
De que tempo estás a falar...???
Estava tentando conversar sobre o tempo da maturidade...!!!

Tic Tac
Tic Tac

Desculpe-me, não posso mais ficar...
Preciso ir andando...porque ando...ando...
tentando conversar com
mas...ultimamente ...
ando a descobrir...
que ando somente a falar com ...

Tic Tac
Tic Tac

Vai embora assim, sem mais nem menos???
Vai me deixar aqui conversando sozinho???
Não percebes mesmo, não é???

Quem está conversando sozinho até agora sou eu
e, por isso...me despeço!!!

Tic Tac
Tic Tac

Já vou...
Realmente preciso ir...
Porque a chave de tudo...
A chave de tudo é o tempo!
É o tempo!
O tempo de cada um!

Como andas???!!!
Como anda o seu TIC TAC???!!!

Isabella Fernanda Ferreira, 2018.

O **tempo stand-by** como analogia em relação à função stand by dos aparelhos eletrônicos, tem em si mesmo, como significado, a ideia de que tais aparelhos, assim com os trabalhadores, estariam prontos a desenvolver as suas atividades a qualquer momento que ela seja requerida, tanto pelo simples apertar de um controle remoto, no caso dos aparelhos eletrônicos, assim como por meio de mensagens, e-mails etc. para os trabalhadores. Entretanto, é justamente nesse excesso de respostas imediatas que estão dadas as condições objetivas para a imaturidade no processo de realização dessas tarefas, ou seja, as respostas que são entendidas socialmente como prontas e, portanto, maduras, são, na verdade, aquelas que contribuem para a repressão da autonomia dos sujeitos sujeitados por esse ciclo sem fim de imediaticidade e impossibilidade do anonimato, e/ou da sua privacidade. Temos, portanto, no **capitalismo digital**, a invasão quase que absoluta do trabalho na vida dos trabalhadores, e dentre estes, os professores que atuam no ensino superior.

A impossibilidade do anonimato traz consigo a violência à liberdade dos trabalhadores, como também a exigência de imediaticidade nas respostas dos trabalhadores, roubando-lhes o tempo necessário para a maturação no desenvolvimento de determinadas tarefas, principalmente, no caso dos professores, daquelas que necessitam uma atividade intelectual.

O tempo de estar pronto é, na verdade, justamente pela sua imediaticidade, a produção do tempo da imaturidade, isto é, da ausência de se estar pronto. Tempo da heteronomia e não da autonomia necessária a qualquer trabalho que possua uma mediação realmente formativa realizada pelo sujeito. Em um dos textos clássicos de Adorno (2010), ele define a semiformação cultural como consequência de sujeitos que dedicam a si mesmos, sem si mesmos. Isso seria a negação de si mesmo por meio de si mesmo que o **tempo stand-by** traz como consequência objetiva e subjetiva na vida dos trabalhadores sujeitados a tal dinâmica cíclica, no modo de organização do trabalho no **capitalismo digital**.



Tal semiformação cultural, somente poderia oferecer resistência a si mesma enquanto consciência reificada, se os sujeitos desenvolvessem aquilo que Adorno (1995a) nomeou de “inflexão diretiva ao sujeito”. Apoiado na psicanálise, para o frankfurtiano a sociedade deveria ser capaz de elaborar aquilo que ocorreu de barbárie em seu passado para que a mesma não viesse a ter condições objetivas e subjetivas para a sua repetição, ou seja, tais condições deveriam ser eliminadas por uma reelaboração social e histórica de modo coletivo.

8. Algumas considerações sobre o tempo stand-by em sua microconstelação de categorias de análise e a necessidade da elaboração do passado como ressignificação de si

ORAÇÃO AO TEMPO

...

Tempo, tempo, tempo, tempo
Vou te fazer um pedido,
Compositor de destinos,
Tambor de todos os ritmos,

...

Peço-te prazer legítimo
e o movimento preciso de modo que o meu espírito
ganhe um brilho definido

...

o que usaremos para isso
fica guardado em sigilo

...

Caetano Veloso, 1979.

O conceito “**tempo stand-by**” carrega imanente em si mesmo, uma microconstelação de conceitos que auxiliam na tentativa do conceito chegar, o mais próximo possível, da identificação com o fenômeno social que se pretenda explicar, mas que nunca ocorre, de fato, em uma dialética que se entende como negativa. A necessidade da produção de uma constelação de conceitos em volta do fenômeno que se pretende conhecer é uma necessidade do conceito que sabe que não se sabe quando só e, também sabe que nunca saberá de modo absoluto, ainda que com a presença de uma constelação de conceitos dando-lhe suporte (ADORNO, 2009).

Nessa perspectiva, quando definimos o conceito de **tempo stand-by** estamos, ao mesmo tempo, tratando de conceitos indissociáveis já explicados anteriormente, tais como: **pré-atenção induzida e pré-atenção espontânea; hiperatenção fluida e hiperatenção estável; atenção reprimida sádica e atenção reprimida masoquista**; e, ainda outros que denominamos de **capitalismo digital e sociedade da fadiga mental**. Se a categoria de análise “tempo livre” elaborada por Adorno (1995b) traz-nos alguns



diagnósticos do que ocorre socialmente com os trabalhadores, em momentos de não-trabalho no seio de um capitalismo tardio, e ainda analógico, a categoria de análise “**tempo stand-by**” por nós criada, traz-nos alguns diagnósticos do que ocorre nessa “mesma temporalidade” destinada à ausência de trabalho em uma sociedade cujo modo de produção capitalista está cada vez mais se tornando digital em algumas profissões, como no caso dos professores universitários.

Consideramos que o **capitalismo digital**, além de promover uma temporalidade obrigatoriamente imediata, ele também promove a invasão da privacidade dos sujeitos de modo coletivo, causando a supressão da liberdade, principalmente por meio dos algoritmos das redes sociais. O tempo que possui a imediaticidade como norma, também carrega como norma a negação do passado e o vislumbre do planejamento futuro: isto, por si só, já é a sua aniquilação. Trata-se de um tempo que não possui a si mesmo ou, explicado de outro modo, um tempo que não possui tempo para se pensar enquanto tempo: essa é a natureza do **tempo stand-by** produzido na contemporaneidade pela mediação das ferramentas disponibilizadas pela internet, e introduzidas no modo como o trabalho tem se organizado. Estamos, portanto, diante de um tipo de temporalidade que nega a si mesma a possibilidade de ressignificação de si à medida que não se pode ser pensada, mas somente efetivada de modo imediato, à medida que não se pode ser projetado enquanto vislumbre futuro. Essa cadeia ininterrupta de imediaticidade tem produzido uma sociedade fadigada mentalmente. Uma fadiga vendida, naturalizada e premiada pelo **capitalismo digital**, colaborando para o ataque cotidiano da saúde mental dos sujeitos sujeitados a tal tipo de temporalidade, dos quais citamos os professores universitários. O resultado empírico dessa ausência de saúde mental provocada pela fadiga mental pode se manifestar de diversos modos, como por exemplo: o desenvolvimento da Síndrome de Burnout, o Worckaholismo, como também, a síndrome do pensamento acelerado como resultado de uma cultura que tenta esgotar, ao máximo, os processos de atenção em trabalhos intelectuais. Somente uma autorreflexão crítica desse estado de coisas é capaz de eliminar as suas causas por meio da sua ressignificação. Uma ressignificação que não é no âmbito do sujeito, mas que também precisa se efetivar em termos sociais e que a universidade pode auxiliar com sua formação inicial no ensino, na pós-graduação com suas pesquisas e, em suas ações de extensão junto à comunidade.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. Ludwig. Wiesengrund. **Dialética Negativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

ADORNO, Theodor. Ludwig. Wiesengrund. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995a.



ADORNO, Theodor. Ludwig. Wiesengrund. Tempo Livre. *In: ADORNO, T. W. **Palavras e sinais: modelos críticos 2***. Petrópolis: Vozes, 1995b.

ADORNO, Theodor. Ludwig. Wiesengrund. Teoria da Semiformação. *In: PUCCI, B; RAMOS-DE-OLIVEIRA, N.; ZUIN, A. A. S. (Orgs.). **Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa***. Campinas: Autores Associados, 2010, p. 7-40.

COMTE, Auguste. **Discurso preliminar sobre o conjunto do Positivismo**. São Paulo: Nova Cultural, 1991. Coleção "Os pensadores".

DURKHEIM, Emile. **De la división del trabajo social**. Buenos Aires: Schapire, 1967.

FERREIRA, I. F. O(a) intelectual em tempos de internet: a ética do(a)trabalhador(a) online. **Revista Impulso**. Piracicaba, 27(69), p. 133-150, maio-ago. 2017.

FREUD, Sigmund. El malestar en la cultura. *In: **Obras Completas***, Madrid: Biblioteca Nueva, v. 3, 1981.

HEGEL, George, W, F. **Fenomenologia do Espírito**. Petrópolis: Vozes, 1992.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta sobre o que é o esclarecimento?** In textos seletos (edição bilíngüe). Petrópolis: Vozes, 1985.

LASTÓRIA, Luiz. Antônio. Nabuco; PUCCI, Bruno; ZUIN, Antônio. Álvaro. Soares. **10 lições sobre Adorno**. Petrópolis: Vozes, 2015.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Lisboa: Martins Fontes, 1976. 2v.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto Comunista. *In: MARX, K; ENGELS, F. **Obras escogidas de Marx e Engels***. Madrid: Fundamentos, 1975. 2v.

MARX, Karl. **Manuscritos: economia y filosofia**. Madrid: Alianza Editorial, 1974.

PUCCI, Bruno; RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton; ZUIN, Antônio, Álvaro, Soares. **Adorno: o poder do pensamento crítico**. Petrópolis: Vozes, 1999.

QUINTANERO, Tânia. Sociologia, obra dos tempos modernos. **Caderno de Filosofia e Ciências Humanas**, Belo Horizonte: Centro Universitário Newton Paiva, v. 7, n. 13, 1999.

VELOSO, Caetano. **Oração ao tempo**. 1974. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/caetano-veloso/44760/>. Acesso em: 10 set. 2021.



WEBER, Max. **Economia e sociedade:** fundamentos da sociologia compreensiva. 3. ed. Brasília, Ed. da UnB, 1994.

WIGGERSHAUS, R. **A Escola de Frankfurt:** história, desenvolvimento teórico, significação política. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

ZUIN, Antônio. Álvaro. Soares. **Adorno odiar meu professor:** o aluno entre a ironia e o sarcasmo pedagógico. Campinas: Autores Associados, 2008.

Recebido em: 31 de janeiro de 2024.

Aceito em: 18 de abril de 2024.

Publicado em: 28 de junho de 2024.

